

VOZ DA PERIFA

NARRATIVAS CLIMÁTICAS QUE NASCEM NAS MARGENS DO BRASIL



**A COP 30 CHEGOU AO BRASIL,
MAS VOCÊ JÁ SABE COMO AS
MUDANÇAS DO CLIMA AFETAM A
SUA VIDA E O SEU TERRITÓRIO?**

COP DE QUE? - O que é a COP30 e o que isso tem a ver com as periferias e favelas

- PAGINA 4

BELÉM DAS BAIXADAS - Observatório das Baixadas transforma vivências periféricas em ciência cidadã

- PAGINA 5

TODO ANO ISSO, BICHO? - Secas, enchentes, queimadas se repetem ano após ano, devastando comunidades e territórios no Brasil - PAGINAS 6 E 7

EDITORIAL

O Jornal Voz da Perifa nasce da força coletiva. Fruto do Lab Clima e Periferias 3, realizado pelo PerifaConnection em parceria com o Voz das Comunidades e a Narra, este material foi pensado por 30 jovens comunicadores(as) de favelas e periferias de diferentes regiões do Brasil.

Mais do que um jornal, esta edição é um convite para que os debates sobre justiça climática, meio ambiente e racismo ambiental ocupem os espaços onde sempre deveriam estar: nos territórios populares, nos becos, vielas, favelas, quebradas, comunidades que vivem todos os dias os impactos das mudanças climáticas.

A COP30 será realizada no Brasil, mas a discussão sobre o futuro do planeta não pode ficar restrita a espaços formais e distantes da realidade da maioria. Queremos garantir que o debate de clima e meio ambiente chegue a todas as pessoas. É por isso que esta publicação foi escrita em linguagem acessível e popular, para garantir que a informação circule, inspire e fortaleça as comunidades periféricas brasileiras.

O Voz da Perifa será distribuído em todas as capitais e em territórios de periferia estratégicos do país. Acreditamos que falar de clima é falar de vida, de gente, de moradia, de saúde, de trabalho, de cultura popular e de tudo aquilo que impacta os nossos territórios.

Esperamos que cada página deste jornal seja uma ferramenta de conhecimento e mobilização.

O PerifaConnection é: Thuane Nascimento, Jú do Coroadinho, Vitória Galvão, Karina Penha, Isabelle Venancio, Jéssica Rodrigues, Thayse Nascimento, Bruno Henrique e Evelyn Cristina.

Participaram do Lab Clima e Periferias 3: Aíla Cristhie, Ana Muza Cipriano, Ana Paula Godoi, Carolina Maria, Dandara Vieira, Daniela Silva, Douglas Cerqueira, Enzo Vítório, Erley Bispo, Flora Rodrigues, Hector Santos, Hellen Lirtêz, Ingrid Maria, Isabelly Damasceno, Júlia Chaves, Júlia Maria, Leticia Gonçalves, Lorrán Vitor, Lucas Alfredo, Lucas da Silva, Luis Melo, Luiz Gabriel, Luiz Henrique, Martihene Oliveira, Matheus Duarte, Mauricio Max, Natália de Deus, Patricia Patrocínio, Samantha Messias, Thayná Carneiro, Thiago Felizardo, Vanessa Campos, Vânia Witoto, Victor Moura, Victor Guilherme e Wallace Clayton.

AMAZÔNIA
DE PÉ

FAÇA PARTE DA MAIOR
MOBILIZAÇÃO DO BRASIL
PELA AMAZÔNIA!

Conheça a Amazônia de Pé, um movimento pela proteção das florestas e dos seus povos, presente em redes, ruas e rios das cinco regiões do Brasil. Entre nessa rede de ativismo: junte-se a nós em defesa da natureza e para frear as mudanças climáticas!

SAIBA MAIS:



O CLIMA ESTÁ ESQUENTANDO!
A CRISE JÁ CHEGOU.

Não vamos esperar as soluções vindas de cima! Não são os especialistas que vão salvar o planeta. A Cúpula dos Povos, unindo diversas vozes e perspectivas, apresenta um conjunto de eixos e bandeiras de luta que buscam transformar a realidade e construir um futuro popular.



CÚPULA DOS POVOS
RUMO À COP30

Leia o manifesto e
conheça o movimento:



EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:
PerifaConnection

PARCERIA:
Voz das Comunidades
Narra

COORDENAÇÃO:
Thuane Nascimento
Isabelle Venancio

EDIÇÃO FINAL:
Jonas Di Andrade

EQUIPE:
Bruno Henrique
Evelyn Cristina
Gabriela Conc
Joice Bento
Jéssica Pires
Jéssica Rodrigues
Luna Costa
Marcelle Decothé
Thayse Nascimento

REPORTAGEM:

Amarílis Marisa
Beatriz Ribeiro
Hellen Lirtêz
Isabelle Venancio
Juliane Castro
Karina Penha
Lethicia Gonçalves
Lorrán Vitor
Mateus Fernandes
Maurício Max
Thuane Nascimento
Vanessa Campos
Victor Medeiros

FOTOGRAFIA:
Affonso Dalua
Amarílis Marisa
Joice Bento
Luana Farias
Patrick Marinho

DIAGRAMAÇÃO:
Affonso Dalua

DESIGNER:
Affonso Dalua

DISTRIBUIÇÃO:

Acre
Amazonas
Alagoas
Ceará
Maranhão
Minas Gerais
Pará
Paraíba
Paraná
Pernambuco
Rio de Janeiro
Rondônia
São Paulo

IMPRESSÃO:
A Tribuna

TIRAGEM:
20 mil cópias

**DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA**

REALIZAÇÃO:

PERIFA
CONNECTION

PARCERIA:

VOZ
DAS COMUNIDADES

20

NARRA

APOIO:

Fundação
Tide
Setubal



REDES SOCIAIS:

TWITTER:
@PERIFACONNECTION

INSTAGRAM:
@PERIFACONNECTION

FACEBOOK:
FB.COM/PERIFACONNECTION

TIKTOK:
@PERIFACONNECTION

LAB CLIMA E PERIFERIAS 3:

TERRITÓRIOS POPULARES EM DEBATE

Encontro realizado em julho no Rio de Janeiro reuniu comunicadores periféricos de várias partes do país para tratar de justiça climática e criar um jornal coletivo voltado à COP30

LETICIA GONÇALVES

De 25 a 27 de julho, o Lab Clima e Periferias 3 reuniu comunicadores de diferentes regiões do Brasil na sede do Voz das Comunidades, no Rio de Janeiro. O encontro teve como objetivo principal desenvolver um jornal coletivo, com foco nas periferias, para discutir os desafios climáticos e sociais a partir da perspectiva da justiça climática.

COMUNICAÇÃO POPULAR COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO

Durante a formação, o grupo se dedicou a dar visibilidade às demandas das juventudes periféricas e comunidades historicamente marginalizadas. Participantes de favelas, territórios indígenas, quilombolas e movimentos sociais se uniram para pensar um jornal impresso que abordasse temas como saúde, desastres ambientais, alimentação, cultura e suas conexões com o território.

O impresso, fruto desse esforço coletivo, tornou-se ferramenta de resistência e representatividade, refletindo o olhar de quem vive nas periferias e sente diretamente os efeitos do racismo ambiental. Todas as pautas foram construídas de forma colaborativa, respeitando as prioridades e experiências dos participantes, o que garantiu autenticidade à publicação.

Maurício Max, comunicador manauense do projeto Periferia Respira, compartilhou sua motivação para integrar o eixo Saúde. *"Participar do eixo Saúde foi algo que despertou meu interesse, pois é justa-*

mente uma oportunidade para abordar pontos que os veículos tradicionais não costumam explorar tanto em relação às periferias. Como, por exemplo, o comportamento de um favelado diante das mudanças climáticas."

Ele trouxe à discussão os impactos do verão amazônico em Manaus, marcado por altas temperaturas, pouca chuva e forte radiação solar, que afetam intensamente a saúde física e mental das populações periféricas. Também destacou os riscos associados ao período chuvoso, como deslizamentos e transtornos que atingem cidades como Manaus e o Rio de Janeiro, contextualizando as especificidades de cada território. Para ele, abordar essas vivências no jornal era essencial para dar visibilidade a realidades muitas vezes invisibilizadas. Explica ainda que, embora sejam contextos distintos, há um diálogo entre eles a partir de suas particularidades.

VOZES PERIFÉRICAS NA AGENDA CLIMÁTICA GLOBAL

A publicação simboliza o protagonismo das comunidades periféricas nos debates sobre a crise climática. Com uma narrativa construída por quem vive nesses territórios, a intenção foi ampliar a visibilidade das lutas, propostas e soluções vindas das bordas da sociedade, justamente aquelas mais impactadas pelas mudanças ambientais.

A realização do projeto contou com o apoio de organizações como o *Voz das Comunidades*, o *PerifaConnection* e o *Narra*, que fortaleceram a construção de uma narrativa coletiva e enraizada nas vivências locais.

Gabriela Conc, diretora executiva do Voz das Comunidades, destacou. *"Cada participante se torna um multiplicador em sua comunidade, fortalecendo a comunicação popular com raízes locais e impacto nacional, criando pontes com agendas como a COP30."*

A comunicadora Patrícia Patrocínio, do Perifa Amazônia, ressaltou o jornal como uma ferramenta de resistência e valorização das vozes amazônicas, muitas vezes reduzidas a uma visão simplificada do bioma, sem o devido reconhecimento da riqueza cultural e humana dos povos que ali vivem.

Douglas Cerqueira, do NordestEuSou, enfatizou a força das trocas realizadas durante o encontro. *"A nossa esperança é que, com o produto final, a situação que vivemos seja vista e que, com isso, possamos conquistar melhorias."*

DO LOCAL AO GLOBAL: A FORÇA DA COMUNICAÇÃO DE BASE

O Lab Clima e Periferias 3 demonstrou, na prática, o potencial das iniciativas populares para influenciar as grandes discussões globais. A criação do jornal impresso, construída de forma coletiva por comunicadores periféricos de todo o país, comprova que a comunicação feita a partir das margens tem o poder de transformar narrativas, reivindicar espaços e atingir as agendas internacionais, como a COP30, a partir de perspectivas que nascem no cotidiano das comunidades mais afetadas pelas desigualdades sociais e climáticas.

FOTO - JOICE BENTO



COP DE QUE?

O que é a COP30 e o que isso tem a ver com as periferias e favelas

ISABELLE VENANCIO

Este ano, em novembro, a cidade de Belém do Pará, lá no Norte do Brasil, na região da Amazônia, vai receber os olhos e a atenção do mundo todo. Por quê? O motivo é a COP 30, a tal Conferência das Partes da ONU. E não, apesar do nome parecido, não tem nada a ver com uma COPA do mundo, viu?

Na COP, pode-se encontrar diversos tipos de gente: gente engravatada - grandes líderes e figuras políticas - e gente como a gente - moradores de periferias e favelas que estão lutando pela melhoria dos seus territórios. Mas, você deve tá pensando: ONU, Amazônia, políticos... por que eu devo saber disso e o que "c@r4#0s" isso tem a ver comigo?

A palavra "COP" vem de um nome em inglês: "Conference of the Parties", que quer dizer "Conferência das Partes". Mas você não precisa decorar esse termo. O importante é saber que é um encontro mundial para cuidar do planeta e pensar em como a sociedade pode viver melhor nos próximos anos. O "30" é porque essa é a 30ª vez que essa reunião acontece. Ou seja, já fazem 30 anos que o mundo se reúne só pra conversar sobre clima e meio ambiente.

A COP30 é tipo uma reunião da associação de moradores, só que ao invés de juntar o pessoal da rua ou da comunidade, junta representantes de vários países (como se cada país fosse uma rua precisando de conserto). Eles se encontram para conversar e decidir o que cada um vai fazer para melhorar o lugar onde todo mundo vive: o planeta Terra.

Nessa conversa, fala-se sobre coisas como diminuir a poluição do ar, do mar e dos rios; cuidar das florestas, como a Amazônia; ajudar quem mais sofre com o calor, com as enchentes ou com a seca; e pensar em soluções para que o planeta não esquente tanto no futuro.

Esses problemas atingem o mundo todo, mas não atingem todo mundo do mesmo jeito. Quem vive nas favelas, periferias, comunidades ribeirinhas, aldeias, ou seja, quem vive à margem do centro, é quem mais sofre com os efeitos da crise climática. Quando chove demais, é a sua casa que pode desabar. Quando o calor aperta, são as pessoas que moram em lajes e casas sem ventilação que mais sofrem. Quando falta água, é a sua caixa que fica vazia. E quando a comida encarece, é na feira da comunidade que o preço pesa no bolso.

A crise climática também é uma crise de desigualdade. Por isso, discutir o clima é discutir qualidade de vida, justiça e direitos básicos. É justamente aí que a COP se torna importante para as favelas e periferias: porque é nesse tipo de encontro que se decide o que cada país vai fazer para lidar com as fortes ondas de calor, chuvas volumosas, secas severas, grandes inundações e criar políticas que ajudem quem mais sente os impactos ambientais.

É importante receber a COP30 no Brasil, mas isso não pode apagar o que veio antes. Antes mesmo da COP existir, o povo negro, periférico e favelado já construíam, na prática, suas próprias respostas à crise climática e à ausência do Estado. Foram esses territórios que, por necessidade e coletividade, criaram modos de sobreviver, de cuidar da água, da terra, de dividir o pouco, de proteger uns aos outros. A gente quer que a COP seja um espaço que chegue para somar, mas as soluções continuarão nascendo nas favelas e periferias, onde sempre houve criatividade e força para seguir.

Pegou a visão? Então, agora se te perguntarem se tu tá sabendo da COP, você já vai saber o que dizer, né?!

FOTOS - PATRICK MARINHO



RECADO DA ENVIADA ESPECIAL DA COP30

JUREMA WERNECK, ENVIADA ESPECIAL DA COP30 PARA IGUALDADE RACIAL E PERIFERIAS;

A mudança climática virou emergência, mundo - não apenas palavras em folhas de papel. Enquanto autoridades exitam em fazer o que é preciso, populações inteiras entram em ação desenvolvendo soluções para os desafios que enfrentam. Aquelas e aqueles na linha de frente precisam ser ouvidos e liderar a transformação. Já passa da hora!



BELÉM DAS BAIXADAS

Observatório das Baixadas transforma vivências periféricas em ciência cidadã e coloca a Amazônia urbana no centro do debate climático às vésperas da COP 30

AMARÍLIS MARISA, BEATRIZ RIBEIRO
E JULIANE CASTRO

Belém é uma cidade que pulsa nas margens. Entre rios, igarapés e baixadas, ela guarda uma beleza que vai além dos cartões-postais: está na feira de rua, no cheiro do tacacá ao entardecer, no brega marcante que ecoa dos becos e nas crianças que crescem nas periferias e entre pontes e palafitas. Quem é de Belém sabe: a verdadeira riqueza está nos encontros de todo dia, na força da galera que se junta e se reinventa, mesmo quando a coisa aperta.

A capital paraense é marcada por um território diverso, onde a vida urbana se entrelaça com a natureza amazônica. As baixadas – muitas vezes lembradas apenas pelas enchentes e dificuldades estruturais – são também espaços de cultura, memória e invenção popular (saberes populares). É nelas que se constrói uma Belém de solidariedade, de resistência e de esperança.

É nesse cenário que nasce e atua o **Observatório das Baixadas (OBX)**, organização formada por jovens pesquisadores, comunicadores e ativistas que vivem e pensam a cidade a partir das periferias. Com isso, o **OBX** tem se consolidado como uma referência brasileira na produção de **ciência cidadã**, buscando soluções para os problemas históricos das baixadas e propondo caminhos para cidades mais justas e sustentáveis.

“Desde a infância, o nosso diálogo também se constrói nos gestos ancestrais que se eternizam para além das palavras e atravessam gerações”, afirma Waleska Queiroz, cofundadora do OBX.

CIÊNCIA QUE NASCE NAS MARGENS

Nascido em Belém, o observatório desenvolve pesquisas sobre mudanças climáticas, urbanismo, raça, gênero, habitação e muitos outros temas do cotidiano das periferias das baixadas, sempre com a perspectiva de quem está no interior dos territórios afetados. Mais do que levantar dados, o grupo atua na mediação entre a experiência popular e o debate público, demonstrando que a ciência também nasce nas margens e na ancestralidade.

Ao olhar para Belém pelas lentes do OBX, vemos uma cidade que não se limita às desigualdades que enfrenta. Vemos também a potência das comunidades, o conhecimento que brota dos quintais, a criatividade das juventudes, o conhecimento empírico como base de pesquisa e o desejo coletivo de construir uma cidade melhor.

O OBX não surgiu de um gabinete acadêmico nem de uma política institucional. Brotou da urgência de transformar relatos em evidências, vivências em dados, dor em força coletiva. Entre suas principais iniciativas está o Atlas das Baixadas, uma plataforma que reúne dados, relatos e cartografias produzidas junto às comunidades.

AMAZÔNIA URBANA NO CENTRO DO DEBATE CLIMÁTICO

O trabalho do Observatório conecta ciência cidadã, educação popular e articulação política. Atua em parceria com universidades, organizações sociais e redes internacionais, ampliando o alcance das vozes das baixadas e projetando a Amazônia urbana no cenário global. Isso ganha ainda mais importância diante da Conferência das Partes (COP 30), que será realizada em Belém.

“Não haverá justiça climática se os territórios periféricos da Amazônia urbana continuarem invisíveis nas negociações”, alerta Andrew Leal, coordenador geral do OBX.

Como destaca o líder indígena Ailton Krenak, toda conversa sobre o clima no mundo gira em torno da floresta. A COP 30 chega para escanear o quanto ainda são frágeis as políticas de conservação, cuidado, pesquisa e proteção ambiental que o Brasil tem voltado para a Amazônia — como apontou em entrevista ao programa Repórter Eco, da TV Cultura.

A Amazônia não é apenas floresta, ainda que isso esteja consolidado no imaginário popular. É também cidade, periferia, vida pulsando nas baixadas. O OBX rompe estereótipos ao mostrar que o centro do debate climático passa pelas vielas alagadas, pelos quintais das palafitas e pelas vozes que resistem. Nesse espaço surgem soluções concretas: manejo comunitário da água, redes de solidariedade, mobilizações por saneamento e culturas que transformam precariedade em potência.

UM MANIFESTO VIVO

Às vésperas da COP 30, Belém tem muito a ensinar. As baixadas, tantas vezes esquecidas, tornam-se protagonistas. O OBX mostra que das margens também nascem soluções globais, que a ciência pode ser feita com afeto, escuta e participação coletiva, e que a cidade só será justa quando for de todos.

“Belém das baixadas é um manifesto vivo: memória que insiste, ciência que floresce, futuro que já nasceu”, resume Juliane Castro, pesquisadora de comunicação do Observatório.

FOTO - AMARÍLIS MARISA





FOTO - ALBERTO CÉSAR ARAÚJO - AMAZÔNIA REAL

TODO ANO ISSO, BICHO?

Secas, enchentes, queimadas se repetem ano após ano, devastando comunidades e territórios no Brasil

“A seca não é só fenômeno natural, é consequência direta da destruição ambiental e da política do “deixa pra lá”.

HELLEN LIRTÊZ E VICTOR MEDEIROS

No Brasil de 2025, a tragédia virou rotina. A cada verão, bairros inteiros alagados. Durante o inverno amazônico, rios minguando. Em setembro, o país pegando fogo. É como se a população estivesse condenada a reviver tudo: todo ano o mesmo sofrimento, como se fosse destino.

Enquanto as autoridades fingem surpresa, a quebrada sabe a real. Basta a chuva engrossar que o barraco encharca; basta o rio baixar que falta água até pra cozinhar o arroz; basta o fogo subir que a fumaça sufoca a criançada. O povo não precisa de boletim meteorológico para entender o que vem pela frente.

No papel, chamam de “eventos extremos”. Mas na vida real, é o teto que cai, a comida que estraga, o colchão que não seca nunca. Quando a água invade, não é só o barraco que se perde: é documento, é material da escola, é a dignidade que a enchente leva embora. E quando a seca aperta, não é só o rio que seca: é a pesca que some, é a horta que morre, é a renda que evapora junto com a esperança.

O PAÍS EM CHAMAS

É a mesma fita: tragédia que não é surpresa. O fogo devora o Pantanal e a Amazônia em ciclos cada vez mais violentos. Em 2020, o Pantanal perdeu **30%** de sua área em chamas. Em 2023 e 2024, os focos de incêndio na Amazônia voltaram a explodir, principalmente em áreas de expansão do gado e da soja. É o “progresso” queimando vidas.

Só em 2024, mais de **30,8 milhões de hectares** foram consumidos pelo fogo em todo o Brasil, segundo o MapBiomas — isso dá quase o território da Itália inteiro. Desse total, uns **73% eram ve-**

getação nativa. A Amazônia foi a mais castigada: ali ardia muito lugar que deveria estar protegido.

Em 2024, as queimadas não afetaram apenas o meio ambiente, elas atingiram diretamente a saúde da população. Segundo o Ministério da Saúde, foram contabilizados **3,7 milhões de atendimentos em Unidades Básicas de Saúde (UBSs) em todo o país**, relacionados a problemas diretamente ligados às secas e queimadas. Desses atendimentos, 31% foram crianças entre 0 e 11 anos, faixa etária com maior sensibilidade à piora da qualidade do ar devido à imaturidade do sistema respiratório e imunológico.

Além disso, as internações por doenças respiratórias aumentaram quase **28% em 2024** em comparação com o ano anterior, resultando em um **custo adicional de R\$11 milhões ao sistema de saúde.** Em São Paulo, por exemplo, houve registros de mortes acima do esperado por Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG), consequência da intensificação dos incêndios recentes.

Não é destino. É política. É projeto. E todo ano, bicho, a história se repete com a mesma crueldade.

VOCÊ JÁ SOFREU ALGUM ACIDENTE CLIMÁTICO?

ESCREVA AQUI E MANDE UMA FOTO DESSE RELATO PARA O EMAIL
PERIFACONNECTION@GMAIL.COM

A poluição do ar causada pelas queimadas afeta especialmente as populações mais vulneráveis, como crianças, idosos e pessoas com comorbidades. No primeiro trimestre de 2025, houve uma queda de queimadas: cerca de **912,9 mil hectares** foram queimados entre janeiro e março, o que mostra uma queda de aproximadamente 70% em comparação com o mesmo período de 2024. Mas não se engane: **84% dessa destruição foi na Amazônia**, mostrando que a floresta segue sendo alvo constante.

Vinicius Sanches Silva, cofundador do Coletivo Capiclima (Cuiabá/MT), relata os efeitos devastadores dos incêndios criminosos que atingem o Pantanal, o Cerrado e a Amazônia. *“A fumaça causa crise respiratória, falta de ar. Já vi tamanduás, tatus e bichos-preguiça fugindo em chamas até as margens das BRs”*, conta.

Segundo ele, os incêndios são consequência direta do avanço do agronegócio, especialmente da soja e da pecuária. *“Não é acidente, é projeto. Falta apoio do Estado, equipamentos, brigadistas e campanhas educativas. Enfrentar o fogo é enfrentar a violência de um modelo que coloca o lucro acima da vida.”*

As brigadas comunitárias são as que seguram o rojão na linha de frente, enquanto os governos culpam as “condições climáticas”. Mas o satélite não mente: grande parte desses incêndios é criminosa, planejada, ligada a interesses econômicos que valem mais que a vida.

No Pantanal e Amazônia, o fogo não leva só árvore: leva casa, peixe, remédio do mato, história de família. Ribeirinho e quilombola ficam sem o rio limpo, indígena perde o território sagrado, e até nas quebradas urbanas a fumaça viaja quilômetros, enchendo pulmão de criança e de idoso. Não é só a floresta que arde — é a vida inteira que sufoca.

RIOS QUE SOMEM, VIDAS QUE PARAM

Do calor sufocante das queimadas, a gente cai na secura que paralisa. É o outro lado da mesma moeda: clima bagunçado, abandono garantido. A estiagem de 2023 no Amazonas deixou barcos encalhados, comunidades isoladas, crianças sem aula e famílias sem peixe no prato.

Povos ribeirinhos ficaram sem acesso à comida, água potável e atendimento médico. Considerada a pior seca registrada em 121 anos, afetou mais de **600 mil pessoas e 150 mil famílias em todos os 62 municípios do estado**, que foram declarados em situação de emergência ou estado de atenção pela Defesa Civil. A previsão dos cientistas é dura: eventos assim vão se tornar cada vez mais comuns.

A falta de transporte fluvial adequado impossibilitou o deslocamento para centros urbanos em busca de atendimento médico e outros serviços essenciais. A educação também foi afetada: **mais de 7,3 mil alunos em comunidades ribeirinhas** tiveram suas aulas interrompidas devido à seca. O chamado “arco do desmatamento” é parte do problema: quanto menos floresta, menos chuva.

Onete Moraes, moradora da Comunidade Marinheiro de Baixo, no Amazonas, em entrevista à Agência Brasil, descreve o impacto da seca severa sobre as populações ribeirinhas. *“A água é complicada, dia vem, dia não vem. Nem pescar está dando, tudo seco”*, relata. Segundo ela, o nível dos rios caiu tanto que é preciso caminhar quilômetros para alcançar a margem. A situação é ainda mais crítica para quem vive em palafitas mais isoladas, sem acesso à água encanada ou energia elétrica. *“Não dá para falar só por mim, mas por todos que enfrentam essa seca”*, afirma.

Para quem vive da pesca, da roça pequena ou do transporte fluvial, a seca significa fome. Significa água barrenta pra beber, fila pra conseguir garrafa d'água, dificuldade de chegar até a cidade para buscar remédio. É a vida travada por uma política que ignora quem depende do rio para existir.

Nas periferias das grandes cidades, a seca também bate forte, só que de outra forma. O que falta no rio, falta na torneira. Quem mora em bairro afastado ou em uma vila precária já conhece a rotina de racionamento: dias sem água, fila na bomba comunitária, balde cheio de água barrenta para lavar roupa ou cozinhar. Quem tem quintal, tenta armazenar, mas o reservatório nunca é suficiente.

O calor extremo piora tudo. O asfalto derrete, o transporte público quebra, e as crianças, que já não têm acesso a espaços verdes, ficam sem sombra e sem lazer. Na quebrada, o clima não é só problema ambiental: é problema social. O calor, a falta de água e o abandono estrutural transformam a vida cotidiana em risco diário.

A repetição desses desastres escancara a desigualdade: enquanto os discursos oficiais falam em “calamidade natural”, o povo sabe que não tem nada de natural em perder casa, saúde e dignidade por causa da omissão. A tragédia tem CEP e quase sempre é na periferia.

A ciência já avisava, os movimentos sociais gritam há décadas, mas quem vive na pele percebe antes. O clima está mudando e quem paga primeiro é sempre quem tem menos.



AULA OU SAUNA?

O DRAMA DO ENSINO PÚBLICO BRASILEIRO EM TEMPOS DE CRISE CLIMÁTICA

De Manaus ao Rio, alunos e professores enfrentam salas sem climatização. Especialistas defendem educação ambiental e medidas contra o racismo ambiental nas escolas públicas

LORRAN VITOR E MAURÍCIO MAX

O calor nas salas de aula deixou de ser apenas incômodo e passou a comprometer o aprendizado. Em várias regiões do país, alunos relatam dificuldade de concentração, mal-estar e até suspensão de aulas. Casos em Manaus e no Rio de Janeiro evidenciam que o problema afeta mais as favelas e periferias e já impulsiona o debate nacional sobre educação ambiental e justiça climática.

Em Manaus, o cenário para estudantes da periferia é de altas temperaturas no segundo semestre, assim como para toda a região da Amazônia. O período é mais conhecido como verão amazônico, quando há menos chuvas e o clima é seco.

No dia 12 de setembro deste ano, Manaus registrou o dia mais quente do ano, chegando a 36,1 °C. Apesar disso, o fator sazonal soma-se a outros problemas, como a falta de arborização e escolas com estruturas inadequadas. O Censo do IBGE de 2022, divulgado neste ano, mostra que Manaus está entre as seis capitais com menor arborização em vias do país. Na segunda região mais populosa da cidade, a zona Leste, alunos enfrentam graves dificuldades influenciadas pelo clima.

Professora de Educação Física do ensino fundamental na Escola Municipal Bem-Te-Vi e Raimunda Barroso Ramires, ambas localizadas no bairro do Coroado 3, Alessandra Corrêa, de 29 anos, destaca as situações vivenciadas durante o cotidiano escolar.

“A gente sabe que educação física exige muito do esforço do aluno e também da estrutura da escola. Eu não tenho espaço adequado ou ginásio. Durante a manhã, os alunos chegam sem alimentação adequada por não terem condições e esperam o recreio para isso. Mas, a turma que faz as aulas antes do lanche acaba tendo problemas. Isso porque o ambiente tá muito quente, abafado e alguns alunos apresentam tontura, baixa pressão. É uma dificuldade muito grande”, complementa a educadora. As unidades são compostas por crianças da periferia nascidas em Manaus e imigrantes venezuelanos, de 6 a 14 anos.

Em seguida, a professora enfatiza. *“Durante a tarde, a dificuldade é maior ainda. Os alunos vão pra escola sem o almoço, que é a refeição principal. Muitas das vezes as aulas sequer são realizadas por causa do calor mais intenso. Até o tempo de aula é mais reduzido por conta da temperatura para evitar que as crianças fiquem ofegantes.”*

Enquanto isso, em bairros mais ricos do Rio de Janeiro, como os da Zona Sul, a brisa do mar e a presença de árvores ajudam a aliviar o calor. No entanto, nas favelas e regiões da Zona Norte a situação é bem diferente. O ar fica preso entre os prédios e casas muito próximas, sem áreas verdes para refrescar.

Estudos da UFRJ mostram que lugares como a Maré, Madureira e Jacaré chegam facilmente a temperaturas de 38 °C ou mais, enquanto pontos como o Alto da Boa Vista ficam até 12 graus mais frescos no mesmo dia.

Essa desigualdade de temperatura impacta diretamente a vida de quem estuda. O calor extremo dentro das salas de aula faz com que os alunos sintam sono, tontura, dificuldade de se concentrar e até passem mal.

É o que conta Larissa Vitória, estudante de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

“As salas de aula na Rural geralmente têm ar-condicionado, mas muitos não funcionam. Isso atrapalha bastante as aulas nos períodos mais quentes em Seropédica. A gente se adapta como pode: abre as janelas, se abana, usa roupas mais leves... Mas tudo isso acaba prejudicando muito o processo de ensino e aprendizagem.”

As narrativas criadas a partir da vivência de Alessandra e Larissa, dessas duas regiões diferentes do Brasil, evidenciam que o calor nas salas de aula não é apenas um desconforto, mas um obstáculo direto ao aprendizado.

CLIMATIZAÇÃO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO BRASIL

Apenas 38,7% das salas de aula em escolas públicas brasileiras contam com algum tipo de climatização (ar-condicionado, aquecedor, ventilador ou climatizador).

MARANHÃO: cerca de **33%**, com grandes lacunas em zonas rurais.

BAHIA: aproximadamente **52%** das salas são climatizadas.

RIO DE JANEIRO: cerca de **60,5%** das salas têm ar-condicionado ou climatizador.

RONDÔNIA: destaque positivo, com **91,4%** das salas climatizadas

Fonte: Anuário Brasileiro da Educação Básica 2025





POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS: SABERES QUE SUSTENTAM O BRASIL

Saiba quem são os reais protetores da natureza

THUANE NASCIMENTO

No Brasil, existem povos e comunidades que vivem em harmonia com a natureza e são verdadeiros exemplos de como o ser humano pode conviver de forma melhor com o meio ambiente.

O Decreto nº 6.040 de 2007 criou a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), um marco importante para o reconhecimento e a valorização desses grupos no Brasil. Os Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs) são fundamentais para proteger o meio ambiente e o clima. São eles que mantêm vivas as florestas, os territórios, os rios, os maretórios e os modos de vida que equilibram o planeta.

A seguir, conheça alguns desses povos e suas formas de cuidar da natureza:

POVOS INDÍGENAS

Indígenas, também reconhecidos como povos originários, são os primeiros habitantes do Brasil. São mais de 300 povos diferentes em todo território nacional, que falam cerca de 274 línguas. Eles viviam aqui muito antes do que conhecemos como país e seguem existindo, através da manutenção das suas terras, línguas e tradições. Os povos indígenas são guardiões de conhecimentos da natureza, sendo nossos aliados fundamentais e protagonistas no enfrentamento à crise climática. Onde há terra indígena demarcada, há floresta viva.

COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Os quilombos nasceram da luta de pessoas negras que fugiram da escravidão e criaram territórios de liberdade. As comunidades quilombolas não devem ser reconhecidas apenas como parte do passado, mas como modos de vida e resistência do presente, tendo sua população re-

conhecida como remanescentes de quilombolas e com grande presença em todo o país, em especial nas comunidades negras rurais. Por isso, se diz: não há justiça climática sem quilombo titulado.

QUEBRADEIRAS DE COCO-BABAÇU

As quebradeiras de coco-babaçu são mulheres organizadas no Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco-Babaçu (MIQCB), que reúne comunidades do Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins. Elas lutam pelo direito à terra e pelo acesso livre aos babaçuais. A Lei do Babaçu Livre impede que donos de terras proíbam a entrada das quebradeiras para coletar o coco, reconhecendo o babaçu como bem comum. Do coco, aproveitam tudo: produzem azeite, sabão, artesanato, farinha e remédios. O saber sobre o manejo das palmeiras é passado de geração em geração — e muitas quebradeiras também são quilombolas e agricultoras familiares.

RIBEIRINHOS

Os ribeirinhos são famílias que vivem às margens dos rios, principalmente na Amazônia. O rio é o centro da vida. Pois, serve para o transporte, a pesca, a roça e também tem valor espiritual. Vivem entre as águas e as florestas, praticando o extrativismo, a agricultura e a caça de forma equilibrada. Para eles, o mundo das águas e o mundo da terra caminham juntos. *Embora a maior parte das comunidades ribeirinhas esteja na Amazônia, essas populações também são encontradas em outras regiões do Brasil, como no Pantanal e em áreas urbanas, onde formam os ribeirinhos urbanos.*

EXTRATIVISTAS

Os extrativistas vivem da floresta sem destruí-la. Retiram dela o que ela pode oferecer - como castanha, açaí, borracha, mel e óleos - e ajudam a conservar a biodiversidade. Esse modo de vida fi-

cou conhecido na Amazônia pela figura de Chico Mendes e os seringueiros, que depois se organizaram no **Conselho Nacional dos Extrativistas (CNS)**. O movimento também reúne coletores de açaí, piaçabeiros, castanheiros e famílias de projetos agroflorestais. O extrativismo é sustento, cultura e cuidado com a floresta.

CAIÇARAS

Os caiçaras vivem no litoral do Sul e Sudeste, do Paraná a São Paulo e ao Rio de Janeiro. São famílias que vivem da pesca artesanal e da agricultura de subsistência. A roça e o mar são igualmente importantes para sua vida e cultura. Eles conhecem as marés, os ventos e o tempo certo de plantar e colher. O modo de viver caiçara é marcado pela proteção às águas e pela valorização das tradições locais. Mas, muitas vezes, esse modo de vida é ameaçado pelo turismo predatório e a especulação imobiliária.

POVOS E COMUNIDADES DE TERREIRO

Os povos de terreiro, ligados às tradições de matriz africana, são comunidades guiadas por mães e pais de santo. O terreiro é mais do que um espaço religioso — é um lugar de memória, cultura e ancestralidade africana. As folhas, as águas, as pedras e os ventos são sagrados, pois representam as forças dos orixás, por isso cuidar da natureza para esses povos vai além de uma agenda pontual, é um compromisso de fé e de resistência. O enfrentamento à intolerância e ao racismo religioso é crucial para garantir a continuidade desses espaços, que cumprem um papel social e ambiental relevante em diversas comunidades urbanas e rurais do país.

Esses povos e comunidades mostram, com suas práticas e saberes, **que proteger o meio ambiente é um jeito de viver**. Onde esses povos resistem, **a natureza resiste junto**.



A SENTENÇA DO RACISMO AMBIENTAL E AS ZONAS DE SACRIFÍCIOS

Viver à sombra do aterro é a prova de que a desigualdade é planejada. O custo do desenvolvimento recai, cruelmente, sobre quem já tem pouco

MATEUS FERNANDES

O crescimento das metrópoles é vendido como a promessa de um futuro melhor: o tal “progresso”. Mas essa promessa tem uma sombra pesada. Em bairros periféricos, a realidade é outra. O progresso da cidade é, para eles, sinônimo de lixo, poluição e omissão. Ali nascem as zonas de sacrifício. São áreas que a política pública escolhe para depositar o que é tóxico, o que cheira mal e o que o centro urbano não quer ver. São comunidades majoritariamente negras e periféricas, cujos lares se tornam vizinhanças de gigantescos aterros, como se a cor da pele definisse o direito de respirar ar limpo.

A desigualdade se materializa no acúmulo de resíduos, na fumaça que não se dissipa e na ausência de cuidado. Essa é a essência do **racismo ambiental**: a certeza técnica de que o fardo da degradação seguirá implacavelmente o mapa da injustiça racial e social. A distribuição do sofrimento ambiental não é obra do acaso. É resultado de uma escolha política silenciosa, mas calculada. A técnica que governa essas áreas é a do apagamento.

Nas margens da cidade, a saúde se torna uma questão de sorte. Agentes locais relatam que a doença ali “não tem causa” nos papéis oficiais. A enfermidade que brota de viver ao lado de montanhas de lixo não tem nome no laudo. Pois o sistema se recusa a cruzar os dados de morbidade com a proximidade dos poluidores. O Estado, nesse cenário, decide não saber.

A tragédia é consolidada pela **desarticulação entre secretarias**. Um órgão libera licenças para atividades poluentes, enquanto outro falha em investigar os impactos na saúde; e um

terceiro continua a aprovar construções sobre o risco. Essa falta de diálogo não é incompetência, é uma decisão política de não integrar o risco. O **Atlas da Vulnerabilidade Social** confirma essa tese: as áreas com maior concentração de população e movimento negro coincidem com os piores indicadores de infraestrutura. O destino do rejeito* é, portanto, o destino socialmente projetado.

O silenciamento das comunidades é o passo final. “Aqui ninguém pergunta quem vive. Só jogam o lixo e vão embora”, traduzindo a sensação de ser tratado como descartável, como se o direito à **escuta qualificada** fosse privilégio e não dever do poder público.

A luta pela justiça climática é, obrigatoriamente, antirracista. Exige a reparação e a mudança radical na forma de planejar a cidade, reconhecendo que a decisão não pode ser negociada. Isso implica em adotar a equidade* como princípio fundamental; reconhecer que é preciso tratar desigualmente os desiguais, na medida de sua desigualdade, destinando mais recursos e atenção a quem mais sofreu com o dano.

Para sair da lógica das **zonas de sacrifício**, é urgente romper o ciclo de omissão. O planejamento deve começar pela **adaptação** do dano onde o lixo já foi depositado e pela **reparação ambiental** de forma permanente. É preciso exigir que a saúde, o meio ambiente e a habitação trabalhem juntas, pondo fim à aprovação de projetos que adensam a vulnerabilidade.

As comunidades periféricas não são invisíveis, elas são vistas e escolhidas para pagar o custo mais alto. Mudar essa realidade exige, primeiramente, ver a dor e a injustiça, que é exata-

mente o que o Estado sistematicamente nega. Desorganizar essa arquitetura de iniquidade começa pelo reconhecimento e pela ação que prioriza a vida de quem foi deliberadamente colocado à margem.

GLOSSÁRIO

RACISMO AMBIENTAL - Discriminação que atinge minorias étnicas (em especial populações negras, indígenas e quilombolas) que são desproporcionalmente afetadas e expostas a riscos e impactos ambientais. É resultado de uma exclusão social e econômica que marginaliza certas populações, negando-lhes direitos básicos como saneamento e infraestrutura.

ENFERMIDADE - Sinônimo de **doença**, indicando um estado de má saúde, fraqueza ou perturbação

INIQUIDADE - Grande maldade, injustiça, perversidade ou perversão moral. A palavra está intimamente ligada a uma violação grave de deveres, direitos, moral ou da justiça divina.

EQUIDADE - Significa justiça, imparcialidade e adaptação. Trata-se de reconhecer as diferenças entre as pessoas e, com base nelas, ajustar os recursos e tratamentos para que todos tenham as mesmas oportunidades.

REJEITO - Resíduo sólido que não apresenta mais nenhuma possibilidade de ser reciclado, reutilizado ou recuperado, seja por razões tecnológicas ou econômicas.



OS BATUQUES QUE CONECTAM O BRASIL: DO CARIMBÓ AO CARNAVAL

VANESSA CAMPOS

Batuque é mais do que som. É memória, corpo e território. Quando pensamos nas grandes manifestações culturais brasileiras, percebemos que em diferentes partes do país, ele surge como fio que costura identidades, dá ritmo às celebrações e mantém viva a ancestralidade. Do Carimbó, no Pará, ao Carnaval do Rio de Janeiro, o batuque aparece em diferentes instrumentos e contextos, mas sempre com a essência de reunir, celebrar e resistir.

No Pará, o Carimbó é símbolo da cultura popular. Sua pulsação nasce principalmente do curimbó, tambor escavado em tronco de árvore e tocado com as mãos abertas. O som é grave, orgânico, lembrando o coração da floresta. A batida do curimbó chama roda, e a roda convida as pessoas. Esse batuque tem origem nas tradições indígenas e africanas. É um ritmo que carrega a natureza dentro de si, como o movimento dos rios, o balanço do vento, e a energia da terra que sobe pelos pés.

No Rio de Janeiro, o batuque aparece de outra forma, a exemplo das escolas de samba. As baterias são monumentos de percussão, compostos por conjuntos de repiques, tamborins, cuícas, agogôs em um megazorde de harmonia. Cada instrumento tem um papel específico, mas juntos formam um corpo sonoro poderoso. Esse batuque nasce das rodas, das casas de axé e dos quintais das comunidades. Sua força está na ancestralidade, que ao longo de séculos, resistiu às tentativas de silenciamento. No Carnaval, o batuque não só acompanha a dança, ele conduz a festa e sincroniza milhares de corpos em movimento ou em completa hip-

nose. É pulsação que vibra no peito e no chão, transformando as ruas em rios de celebração.

O carimbó e o carnaval se encontram no mesmo princípio, o batuque como elemento central da experiência cultural. No Pará, ele é circular, em conexão direta com a natureza. No Rio, ele é explosão, força urbana, e essencialmente periférica. Esse fio que liga o Carimbó ao Carnaval mostra que o Brasil é diverso, mas tem base comum. O batuque, em suas múltiplas formas, mostra como a música popular é também uma forma de luta. Nas comunidades amazônicas, ele mantém vivas histórias de um povo que dança em harmonia com a floresta. Nas favelas, ele se ergue como bandeira de resistência negra contra a marginalização e o racismo.

Batuque é comunicação. É chamado para a roda. É convite para o corpo se soltar e se reconhecer parte de algo maior e coletivo. Seja ao som do curimbó ecoando às margens do Tapajós ou ao som do surdo ressoando na Sapucaí, o que pulsa é a mesma essência, a batida do povo brasileiro, que encontra no batuque sua forma mais profunda de expressar vida.

No Carimbó e no Carnaval, o batuque nos lembra que resistir também é celebrar, e que celebrar é, sobretudo, manter viva a chama da nossa ancestralidade.

ROBINHO GOODS PARA COLORIR



FOTO - DIVULGAÇÃO

CRAQUES DO CLIMA

CONHEÇA JOVENS QUE ENTRAM EM CAMPO QUANDO O ASSUNTO É CLIMA E MEIO AMBIENTE

Toda vez que o assunto é mudança climática, os jovens são convocados sob a afirmação “a juventude é o futuro”. Mas é importante pensar que eles já fazem parte do presente desta luta. Quando a gente olha para quem está de fato enfrentando as consequências da crise climática no dia a dia, é inevitável voltar os olhos pros territórios. E nesses, quem está vestindo a camisa e jogando cada partida é a juventude das periferias, quilombos, favelas, assentamentos, dos interiores e das margens do mundo. Para montar o Time das Periferias, convidamos Karina Penha, nossa técnica, que escalou craques de diferentes regiões do Brasil. Saiba quem são:



SAMILLY VALADARES

Jogadora da linha de frente da Amazônia Paraense, ela é cria do Quilombo Oxalá de Jacunday e da quebrada de Ananindeua. Psicóloga e mestranda em Direitos Humanos pela UnB, é fundadora do Instituto Perpetuar, integrante da CONAQ e da Amazônia de Pé, e joga bonito como ARTivista e Palhaça Quilombola, levando para o campo da vida a força do quilombo e da cultura.



RAULL SANTIAGO

Ativista, fundador do PerifaConnection e diretor executivo do Coletivo Papo Reto, no Complexo do Alemão. Ele é referência em direitos humanos, comunicação comunitária e justiça climática. Um dos craques do tipo “faz tudo em campo”: transforma denúncia em proposta e mobiliza o jogo nas favelas do Rio.



JÚ DO COROADINO

Julianna Costa é mais conhecida como Ju do Coroadinho, e carrega no nome o território onde ela mora, uma periferia de São Luís do Maranhão. Assistente social, mulher preta e favelada, é fundadora do Coletivo de Mulheres Negras da Periferia e diretora do PerifaConnection. Ela joga em diversas posições quando o assunto é mobilizar melhorias para as mulheres negras.



VITÓRIA GALVÃO

Jovem trans afroindígena do bairro Zumbi dos Palmares, em Manaus, encontrou no ativismo o seu campo de jogo. Diretora executiva do Palmares Lab e única brasileira apontada pela ONU como Ponto Focal Regional na América Latina e Caribe, já marcou gols sendo reconhecida pela Comissão Europeia, pela Embaixada da França e pela USAID. Diretora do PerifaConnection e formada em Políticas Públicas e Desenvolvimento Rural, ela segue jogando pelo futuro das juventudes amazônicas.



AMANDA COSTA

É uma atacante talentosa que marca pelas juventudes e clima. É internacionalista, jovem embaixadora da ONU, destaque da lista #Under30 da Forbes. Fundadora do Perifa Sustentável, atua inspirando jovens a se engajarem em defesa do meio ambiente. Já representou o Brasil em várias COPs mostrando que, quando a periferia se movimenta, o mundo inteiro sente o impacto.



THUANE NASCIMENTO

Nascida e criada na Vila Operária no Rio, tem formação em direito pela UFRJ. Diretora executiva do PerifaConnection, acredita na mobilização das periferias brasileiras para superar a crise climática. Flamenguista de coração, troca o manto sagrado pela camisa do clima, defendendo que o território é o campo político mais potente do Brasil.



JEAN DO GUETO

Ativista e agente cultural, Jean toca o Gueto Hub junto com sua família - um espaço comunitário sediado no Jurunas, Belém do Pará. Cofundador da COP das Baixadas, é um mestre nas palavras e reflexões, um grande articulador para que as baixadas disputem o jogo e entrem no campo climático, reivindicando protagonismo nos lugares de decisão e sampleando os espaços da formalidade.



WALESKA QUEIROZ

É jogadora comprometida com a justiça climática: engenheira sanitária, mestra em Cidades Inteligentes e cria da Baixada da Terra Firme, periferia da Amazônia. Há 14 anos em campo, atua conectando clima, raça, gênero e participação popular. Cofundadora do Observatório das Baixadas e integrante do PerifaConnection, já representou o Brasil em partidas globais como a COP28, COP29 e SB62. Reconhecida pelo seu trabalho para visibilizar as periferias amazônicas, ela segue firme no jogo em defesa das baixadas.



RAIARA BARROS

A jogadora é filha da floresta e neta de seringueiros que lutaram pela preservação da Reserva Extrativista Chico Mendes. Hoje, Raiara é a primeira mulher jovem a liderar a associação local da comunidade Rio Branco, em Xapuri (AC) e é uma referência para a juventude climática.



VALL MUNDURUKU

Nascida no sudoeste paraense em Jacareacanga, ela é formada em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional. Val entra em campo como ativista indígena da região do Alto Tapajós, é integrante do Engajamundo e presidente da Associação de Mulheres Indígenas Suraras do Tapajós, onde participa do grupo musical cantando backing e tocando maracá.



TAILY TERENA

Nascida no Mato Grosso do Sul, é indígena do Povo Terena da Terra Indígena Taunay Ipegue. Sua voz ecoa nas arenas nacionais e internacionais, na defesa dos direitos das mulheres e a partir do conhecimento intergeracional, reforçando que a luta contra a crise climática começa com os saberes dos povos originários.



KARINA PENHA - TÉCNICA

Na defesa da justiça climática há mais de 10 anos, é bióloga, socioambientalista e cria da Baixada Maranhense. De família de pescadores e quebradeiras de coco, aprendeu cedo a tática do jogo desde o campo até a cidade. Participa das Conferências da ONU sobre o Clima (COPs) desde 2016, levando a voz das juventudes e dos territórios periféricos. Co-fundadora da Amazônia de Pé e Diretora do PerifaConnection, comanda o time da Amazônia Viva, organizando o jogo com estratégia e coletividade.

QUER SABER MAIS SOBRE CLIMA NA LINGUAGEM DE FUTEBOL?

Acesse a Central da COP, um site criado pelo Observatório do Clima, com tudo o que você precisa saber sobre cada edição da Conferência das Partes (a COP), mas escrito com uma linguagem futebolística.

